

SILVA, Marluclena Pinheiro da; MALUSÁ, Silvana; SANTOS, Zélia Maria de Sousa Araújo. **Ensino de enfermagem: docência universitária e o princípio da integralidade do SUS**. Jundiaí, Paco Editorial, 2015 / ISBN: 978-85-848-884-4

Por:

***Maria Isabel Gomes Sousa Lage***

**UMinho-** Universidade do Minho /Braga/Portugal

ESE-Escola Superior de Enfermagem

Edifício da Biblioteca Geral -3º piso

## **RESENHA**

Em um mundo no qual os acontecimentos ocorrem e mudam ao ritmo do segundo, a formação dos enfermeiros como profissionais com responsabilidade social e ética, mandatados para cuidar daqueles que por alguma razão não podem cuidar de si, pressupõe a exigência de uma cultura de compromisso com a mudança e a transformação.

Embora a docência universitária seja muito estudada em todas as suas dimensões, dentre as pesquisas disponíveis, não há muitas que ofereçam uma visão compreensiva que abarque a realidade na qual se inscreve a formação dos enfermeiros-docentes que povoam o universo do ensino da enfermagem.

Nessa perspectiva, a satisfação que tenho em escrever uma resenha de apresentação deste livro advém tanto do fato de eu ser docente de enfermagem como também da sua incontestável atualidade e pertinência.

Partilhar com as autoras igual circunstância – ser docente de enfermagem – faz com que, ao longo das suas páginas, eu respire uma cumplicidade crescente com pessoas que se indagam sobre a razão, o sentido e a natureza das práticas cotidianas do ensino de enfermagem e, nomeadamente, sobre as práticas de enfermeiros que, exercendo-as, podem não estar devidamente habilitados para tal.

A evolução e a construção do conhecimento nas diferentes áreas do saber, entre elas a enfermagem, têm em sua origem o entrecruzar de saberes de natureza variada e complexa, ligados às dimensões do saber-saber, do saber-fazer e do saber-estar/ser, em uma dialética entre os problemas e os contextos que os influenciam.

Na realidade, toda a prática educativa pertence a um espaço e a um tempo determinado, sendo o resultado da história e da trajetória pessoal de cada um de nós o que faz com que cada docente veja a sua prática de um ponto de vista individual – umas vezes mais imbuída de um espírito positivista e mecanicista; outras, porventura, mais compreensiva e preocupada com processos e contextos.

Com o intuito de satisfazer necessidades sociais e de saúde e de responder a outros desafios societais, o ensino de enfermagem sofreu diversas transformações ao acompanhar o mundo global. Contudo, apesar dos muitos desenvolvimentos que ocorreram, a enfermagem parece estar, ainda, academicamente enfraquecida, faltando-lhe o *background* tradicional encontrado em outras comunidades acadêmicas já estabelecidas. Não obstante, é inegável que a evolução tem acontecido, mais ou menos, em uma lógica de ter os contextos como cenários de desenvolvimento, os atores intervenientes nos processos e os saberes construídos como evidência daquilo que fazemos.

Esta obra constitui um exemplo prático de quem, com base na sua experiência, preocupa-se e questiona-se sobre a identidade docente e sobre a formação em enfermagem e o que deve a sustentar. Tal obra nos leva pelos caminhos da DU e lança um olhar crítico sobre a prática dos docentes-enfermeiros, conduzindo-nos também à descoberta da integralidade como um pilar fundamental do SUS e da sua estreita relação com a formação de enfermeiros. Mais especificamente, pretende-se compreender se o enfermeiro-docente incorpora e associa as categorias básicas da DU: *formação profissional; processo de ensino-aprendizagem; saberes docentes; relações interpessoais; e o princípio da integralidade.*

Estamos perante uma reflexão que possibilita uma leitura na qual se entrecruzam experiências práticas, assistenciais e pedagógicas que quando analisadas revelam a necessidade de se repensar a docência no ensino superior e, particularmente, a docência em enfermagem.

Ao defenderem que a educação constitui um fator de excelência e uma chave para o sucesso do desenvolvimento pessoal e profissional – na medida em que, por meio da capacitação e do desenvolvimento dos docentes ocorrerá a capacitação e o desenvolvimento dos estudantes –, as autoras percorrem um caminho teórico e metodológico que transparece a complexidade de um tema preocupante abordado sem rodeios – a DU e as práticas do enfermeiro-docente.

O livro está dividido em três capítulos centrais, um teórico e dois metodológicos. O primeiro, intitulado *Do enfermeiro-docente ao docente-enfermeiro: focando a docência universitária*, enquadra a docência universitária contextualizando a formação e a profissionalização e aborda a problemática da precarização da formação inicial que, na perspectiva das autoras, resulta em grande medida das brechas e lacunas contidas na Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (9394/96), que dão azo ao entendimento de que para ser docente não é necessário ter formação pedagógica. A responsabilidade das IES é equacionada, bem como a docência na formação inicial, despojada de ferramentas que deveriam sustentá-la e a formação pedagógica de quem a exerce, visto que, frequentemente, o magistério é tomado como um mero exercício de sobrevivência, negando-se o seu entendimento como uma prática social.

É abordada também a construção da identidade docente no sentido de um caminho a percorrer e como um desafio complexo, que extravasa a racionalidade técnica que está na origem da formação de base dos enfermeiros-docentes.

Ainda aqui, alude-se à necessidade de o professor corporizar uma atitude de indagação consigo e com os estudantes, por meio de estratégias de reflexão contínua e da problematização, acompanhadas da transferibilidade

da evidência para a prática, em uma perspectiva na qual tais conceitos façam sentido e se revistam de importância para os educandos.

Educar para um mundo em transformação pressupõe dar lugar à criatividade, estabelecer relações entre a teoria e a prática, refletir sobre a relação ensino-investigação, entre outras, e ter uma postura de questionamento da prática pedagógica, ou seja, cumprir com o objetivo da docência: ensinar e aprender.

Nessa jornada contínua de indagação permanente e de aperfeiçoamento da relação aluno-docente, os estudantes encontrarão sentido naquilo que aprendem de forma ativa, em uma dialética conhecimento-aprendizagem, tendente à construção da sua própria aprendizagem e ao exercício do seu direito à cidadania com ética.

Em razão de o exercício da docência na enfermagem ser, em si mesmo, indissociável da saúde, a complexidade de ser docente em tal área se encaixa em uma gama intrincada de contextos de intervenção: o ensino, a aprendizagem e a prática (assistência). Nesses contextos, a “especialização” assume um papel relevante, povoando o imaginário dos que pensam que este “saber-fazer especializado” é a chave para solucionar seus problemas.

Ademais, as autoras consideram imprescindível que a autoavaliação e a reflexão sistemática contínuas levem docentes e instituições a se indagarem sobre o valor da qualificação e estar na calha de um paradigma de mudança que adote a transformação como denominador comum.

A adoção de uma metodologia problematizadora da realidade se afigura como a ferramenta que permite observar e resolver os problemas em sua origem – a realidade – pois é nela que os estudantes aprendem a aprender.

Inovar transformando é um processo de reestruturação contínua de relações, saberes e práticas que possibilitam uma “abertura ao mundo” e que não podem, nem devem, acantonar-se em uma “especialização” ou dar lugar a métodos de ensino e aprendizagem meramente transmissivos e passivos e à ausência de participação dos estudantes.

Debruçando-se sobre a realidade, no capítulo *Do docente-enfermeiro ao enfermeiro docente: uma construção possível*, as autoras revisitaram e exploraram a evolução dos currículos no Brasil e a legislação subjacente, que intenta responder ao propósito de pensar a saúde como prática social, não podendo, por isso, deixar de lado os princípios doutrinários do SU, entre os quais se encontram o da *integralidade*, que comporta em si, ou seja, na sua essência, a percepção do indivíduo como um ser biopsicossocial.

Por isso, as autoras entendem que os princípios aqui plasmados não desafiam apenas o Sistema de Saúde, mas também os órgãos formadores, sejam eles públicos ou privados, pois são os profissionais por eles formados que darão expressão prática aos princípios neles consignados.

Entretanto, as mudanças no ensino em saúde aconteceram, nem sempre dirigidas para potencializar competências para a *integralidade*, incluindo o enfrentamento das necessidades em saúde dos cidadãos e o desenvolvimento do SU. Muito especificamente, no que reporta à enfermagem, é subscrito que a formação não deve se deixar escravizar pela especialização, necessitando, também, ir para além da atualização científica e se centrar na formação pedagógica.

Conclui-se, sobretudo que no que reporta à prática do enfermeiro-docente, que a evidente falta de formação pedagógica sistematizada terá, eventualmente, sido responsável pelas características curriculares de muitos cursos, nos quais falta espaço para o debate acadêmico acerca da pedagogia.

Repensar a prática pedagógica do enfermeiro-docente com base na formação do profissional de enfermagem é imperativo, em face da integralidade da assistência e das transformações sociais atuais. Os conhecimentos científicos oriundos da evidência, os processos de pensamento e de reflexão dos estudantes, na ação e para a ação, são, por isso, pontos de partida – e não de chegada –, imprescindíveis para uma formação identitária de docentes e estudantes reflexivos, autônomos e comprometidos.

Explicitada a “problemática”, deparamo-nos com o segundo capítulo, no qual as autoras percorreram um caminho investigativo. Participantes

(enfermeiros-docentes) e contextos da área do ensino e da saúde integraram um estudo descritivo, que deu corpo a este capítulo, designado *O princípio da integralidade: associações pedagógicas*. Nesse capítulo, objetiva-se conhecer o perfil biográfico e social dos participantes e delinear a importância que eles atribuem a sua prática docente na IES, no que reporta às categorias: formação profissional; processo ensino-aprendizagem; saberes docentes; e relações interpessoais, associando-as ao princípio da integralidade.

No terceiro capítulo, denominado *O enfermeiro-docente: desvelando conceitos pedagógicos*, as autoras anteviram a triangulação de métodos e dados, com a intenção de conferir mais robustez ao processo e aos resultados e, obviamente, de proporcionar um olhar mais abrangente e compreensivo do objeto de pesquisa e do mundo social que o rodeia. O estudo sobre a explicação da relação das quatro categorias supracitadas com o princípio da integralidade aprofunda as análises anteriores e as narrativas que dão voz aos participantes, que por meio da pergunta aberta do instrumento de colheita de dados complementam os resultados por recurso à análise do conteúdo.

Finalmente, as autoras criaram um subcapítulo denominado *Educação e Saúde - Um Horizonte a se Vislumbrar*, no qual teceram suas considerações finais. Embaladas pela prática profissional como docentes universitárias, elas privilegiaram, tal como é explicitado ao longo de toda a obra, o estudo da importância da formação profissional, da concepção do processo ensino-aprendizagem, dos saberes docentes e das relações interpessoais, bem como da relação dessas categorias com o princípio da integralidade.

Os docentes, bem como os profissionais ligados ao mundo da saúde, responsáveis pela formação dos futuros enfermeiros, devem ponderar suas práticas e, desse modo, repensar os currículos de graduação em enfermagem. Um mundo em transformação exige que estejamos dispostos a mudar e abertos em nossas relações com os outros. Esse contexto pressupõe,

igualmente, a exigência de diálogo entre as IES e os serviços de saúde, tendo em vista atividades preventivas e promotoras de saúde.

Em uma alusão muito breve aos dados principais, pode dizer-se que do ponto de vista do perfil biográfico e social, o campo de atuação da maioria dos enfermeiros-docentes estudados extravasa o campo da docência, sendo bem menor o número dos que se dedicam exclusivamente à docência. Embora tais sujeitos reconheçam a importância do aperfeiçoamento e da titulação, prevalecem ainda arraigadas concepções conservadoras sobre as práticas pedagógicas e, em menor escala, o reconhecimento da hegemonia do professor na sala de aula e a importância da memorização. Os resultados parecem se encaminhar para a constatação de que o ensino-aprendizagem pode estar dissociado da pesquisa para 23,3% dos inquiridos, enquanto 39,5% mantêm uma posição neutra a esse respeito.

Em relação aos saberes docentes, os participantes dão primazia aos oriundos da experiência, ressaltando também que eles foram considerados como fator chave para o desenvolvimento da prática.

Já no que reporta às relações interpessoais, os dados evidenciaram um distanciamento da figura autoritária do professor, pouco próxima do aluno, plasmando situações favorecedoras da promoção do convívio saudável docente-discente e de um ambiente não hostil na educação superior em enfermagem.

A dimensão qualitativa do estudo se complementou com respostas às perguntas mais estruturadas, deixando as narrativas anteverem o desconhecimento da linguagem disciplinar das ciências da educação. Por isso, as autoras interpretaram que uma formação de base tecnicista pode ter gerado informações equivocadas e confusas.

A organização do *corpus* de análise em função das subcategorias: formação docente, processos de ensino-aprendizagem, saberes docentes e relações interpessoais permitiu às autoras inferir a presença de diferentes concepções associadas ao princípio da integralidade. Desde logo, foi possível

constatar que esse princípio é ainda incipiente no discurso de alguns dos enfermeiros-docentes inquiridos.

A formação docente, já de si confusa no seu entendimento, é também desse modo associada ao princípio da integralidade por alguns dos participantes. Tal princípio foi percebido pelos enfermeiros-docentes como algo “avulso”, que deveria ter sido objeto de atenção na sua formação, não alcançando, portanto, o fato de ser algo a se construir e reforçar em cada situação. As autoras consideraram, então, que a consolidação do SUS e do seu modelo integral de assistência exigirá dos enfermeiros-docentes a organização e o fortalecimento da sua formação relativamente ao planejamento e aos objetivos da educação superior, tendo o sistema atual de saúde como alavanca de desenvolvimento.

Para além desses resultados, constatou-se ainda a inquietação de alguns participantes quanto à formação, considerando-se, contudo, a importância da capacitação ou da necessidade de reverem sua prática, apesar das dificuldades em conciliar a atividade profissional como enfermeiros com a formação docente.

O estudante aparece como figura de destaque no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, aliado a um novo ator social – a comunidade. Cabe destacar aqui a importância atribuída ao aluno e à enfermagem em uma lógica mais participativa, com recurso a estratégias mais interativas, reflexivas e orientadas para a construção disciplinar, não descurando o aluno como cidadão e profissional com sentido ético.

No tocante aos saberes docentes, embora não tenham sido entendidos como tal, alguns dos participantes manifestaram a vontade de melhorar os saberes pedagógicos, dando primazia aos saberes adquiridos pela experiência. É necessário salientar, contudo, que apesar dos enfermeiros-docentes não terem formação específica na área da educação, revelaram interesse na construção e valorização dos diversos saberes.

As relações interpessoais sustentam a prática pedagógica desses docentes e a maioria deles reconhece que ainda está aprendendo a

identificar o aluno no seu todo, estreitando vínculos e mantendo uma relação de respeito mútuo.

A relação que o enfermeiro-docente estabelece entre as categorias anteriormente explicitadas em função dos resultados principais e o princípio da integralidade constitui o segundo problema que as autoras se propuseram a discutir. Pode-se ler uma ausência de pensamento coletivo sobre tais categorias e a constatação de um trabalho individual do docente, sem apelo à multi e à transdisciplinaridade.

É ainda dado observar a falta de percepção sobre a terminologia da educação, assim como se passa com o princípio da integralidade e o serviço universal de saúde como um todo. Das propostas orientadas para o treino e aperfeiçoamento na área da enfermagem, surgiu a ideia de que alguns enfermeiros-docentes se orientam para ser cada vez mais enfermeiros. Diante dos resultados deste estudo, as autoras concluíram que estabelecer, para já, relação entre as categorias em estudo e a atividade profissional dos enfermeiros como docentes é ainda um caminho a se percorrer.

Terminada esta breve resenha, cumpre dizer que não privilegiei uma análise crítica do seu conteúdo, mas apenas a constatação do que a obra deixa transparecer, com a intenção de ser o mais fiel possível e de não incorrer em interpretações erradas ou na tentação de impor ideias pessoais.

A Enfermagem, como disciplina prática do conhecimento, tem sido historicamente condicionada pela ideologia reducionista do modelo biomédico, a qual se repercute, ainda hoje, negativamente, na educação dos enfermeiros e na pedagogia do cuidado.

Se me é permitido expor o meu estado de alma, direi que sou da opinião de que a construção identitária da profissão enfermeiro nas suas diferentes dimensões implica uma prática baseada na evidência, no pensamento reflexivo e na criação cultural, o que permitirá acompanhar o desenvolvimento, antecipando-o e construindo-o.

A investigação assume particular relevo na formação dos enfermeiros e na construção da ciência da enfermagem, afigurando-se como o veículo de

transmissão e motor da evolução do conhecimento nessa área disciplinar e como o garante da visibilidade da profissão e da qualidade dos cuidados por meio da utilização dos resultados. Por sua vez, entendendo também que a construção da identidade docente é ainda um caminho a se percorrer, essa realidade deve exigir das IES em geral, e dos cursos de enfermagem em particular, a “noção” do papel do educador como alguém capacitado, que tem a responsabilidade de formar não apenas técnicos do gesto, mas sujeitos críticos, científica e humanamente competentes, com elevado sentido de ética e responsabilidade social, tendo por base uma aprendizagem emancipatória, na qual o estudante surge como ator da sua formação e o professor como um facilitador.

Nesse sentido, posto que “educar” e “educar em enfermagem” exigem mudanças, transformação de pensamento, disposição e sensibilidade pedagógica, a caminhada refletida nesta obra é uma alusão e um desafio permanente à obrigatoriedade e à necessidade de conferirmos sentido àquilo que fazemos, repensando e redefinindo práticas pedagógicas, pessoais e profissionais, sejam elas exclusivamente docentes, docentes e assistenciais, ou apenas assistenciais.

O interesse pedagógico e social desta obra reside na possibilidade de questionar a formação e a profissionalização em enfermagem, apontando alguns caminhos alternativos, bem como o de proporcionar a compreensão da relação entre a enfermagem, a educação e a saúde, em uma indissociabilidade e complementaridade absolutamente necessárias e desejáveis. É a oportunidade de espreitarmos e indagarmos a realidade do ensino em enfermagem para a compreender melhor, sem receitas.

O mundo se transforma, a globalização e a multiculturalidade estão aí e a mudança se impõe. Nesse sentido, a nossa tarefa como educadores é conseguir que os estudantes – e nós mesmos – nos convertamos em profissionais autônomos, esclarecidos e responsáveis, capazes de responder às necessidades sociais de promover a qualidade pedagógica e,

consequentemente, produzir ganhos para a saúde das pessoas, dos grupos e das comunidades.

Recebido em outubro de 2015.  
Aprovado em fevereiro de 2016.